



VIAGEM À FRANÇA

Acordei no meio da noite com o barulho do celular. Droga! Se as pessoas soubessem o quanto gosto desse aparelho que acabou com minha privacidade, não me ligariam, ainda mais à noite. O que seria que não poderia esperar para a manhã seguinte?

- Alô! – Atendi ainda dormindo a ligação.

Do outro lado ninguém respondia, mas pude perceber alguns suspiros e depois de alguns momentos ouvi alguém.

- Oi Iuri, estou ligando para dizer adeus! – Disse-me Visna Mariokova. – Estou indo para a França com Fradov.

Senti tristeza em sua voz. Fradov é seu namorado a algum tempo. Eu o encontrei algumas vezes quando aparecia no refeitório da universidade, mas nunca troquei muitas palavras com ele. Mas ele não importa agora. O que teria se passado na cabeça de Visna para tomar uma atitude dessas? Fiquei surpreso com o que Visna me disse, afinal eu nunca esperava que ela tinha planos de partir. Mas a vida era dela e talvez estivesse escolhendo a melhor opção. Como estava de férias poderia ter pensado em deixar a universidade por algo melhor, mas na França. Estranho.

Tentei voltar a dormir, mas não consegui.

De manhã Svetlana me perguntou o que houve e então lhe deixei a par do assunto. Sei que poderia substituí-la, sem maiores problemas, mas, quando convivemos com alguém passamos – em termos - a fazer parte de seu mundo. Pensei que conseguiria contato com Visna naquela manhã para saber mais detalhes e tentar contornar a situação. Mas foi em vão. Nada no dia seguinte, nem no outro, nada também no outro e depois.... semanas, meses, anos... nenhuma notícia.

Visna era muito nova e bela para se aventurar na França. Mas meu coração se acalmou, ela estava indo com Fradov, seu amor e provavelmente estaria segura.

Anos depois a universidade me designou à França, onde passaria alguns dias palestrando sobre a Rússia e nosso conjunto de universidades. A viagem seria em breve pois a reitoria tinha interesse em trazer alunos franceses o mais breve possível à Rússia. Então o destino tem algumas surpresas e depois de anos senti uma inquietude no coração. Teria a chance de rever Visna.

Cheguei à França num dia ensolarado, com temperatura amena, o movimento no aeroporto era intenso, milhares de pessoas indo e vindo, todas apressadas. A burocracia, para minha surpresa, foi idêntica ou pior que em Sheremetyevo. Afinal, parece que todos os burocratas são iguais, não apresentam simpatia ou antipatia, simplesmente fizeram seu trabalho e nos liberou. Então, eu e Spirin, um jovem tradutor que veio de São Petersburgo, pegamos um táxi e fomos para o hotel que não ficava muito longe dali. A universidade havia reservado um ótimo hotel, no centro de Paris, muito confortável.



Após três dias de intensas reuniões com os órgãos de cultura e as universidades francesas, pude ter o Sábado de folga. Foi quando meus amigos do serviço secreto de Moscou, me informaram sobre um possível paradeiro de Visna. Eu teria de me encontrar com Alexei, um, teoricamente motorista de táxi que vivia em Paris à quase quinze anos e tinha vindo para tentar uma vida melhor, fugindo das “duras penas” de Irkutsk, na época.

Encontrei-me com Alexei às 14:00 horas do Sábado, perto de uma praça toda arborizada não muito longe do hotel que estávamos hospedados. Sem que eu dissesse algo ele já estava me conduzindo à seu táxi e sabia onde queria ir, além de saber muitas coisas a meu respeito. Ainda podíamos contar com a capacidade dos agentes russos. Por um lado era bom, faziam seu trabalho sem alardes.

- Você deseja encontrar Visna, Iuri? – Perguntou-me em russo, já conduzindo seu táxi.
- Sim, faz muito tempo que não há vejo. – Respondi subitamente.
- Acredito que ela tenha mudado muito. Outro dia mesmo eu a levei para sua casa há alguns minutos daqui. – Continuou.

Aproximadamente uma hora depois estávamos parando em frente a um condomínio nos subúrbios de Paris. Era algo estranho, mesmo para mim que tinha vivido todo o problema e falta de consideração da era comunista. Era um local aparentemente abandonado e sem vida. Na rua havia muitas pessoas, garotos e garotas, sem nada para fazer com roupas muito modernas para meu gosto. Muitos africanos e brasileiros me aparentavam.

Tomei coragem e desci do táxi. Alexei disse que me esperaria, entretanto, estaria numa região mais distante dali e voltaria assim que eu o chamasse. Agradei.

Em pé na calçada olhei para o edifício e mesmo querendo não podia imaginar que Visna estaria vivendo num lugar desses. A última pintura devia ter sido à muito tempo. Estava todo desbotado e pichado. Local muito triste.

Respirei fundo e decidi entrar, afinal eu teria de realmente vê-la, não podia deixar passar a oportunidade, afinal talvez não teria outra chance. E teria de viver pensando no fracasso de não tê-la encontrado.

Ninguém na recepção para me receber, então fui subindo as escadarias, pois o elevador estava interditado para reparos. Posteriormente Alexei me disse que já fazia quase um ano que o mesmo estava naquelas situações. A medida que subia encontrava pessoas deitadas nos degraus, então imaginava se estava no lugar certo. Pessoas com um aspecto que me dava receio e por várias vezes medo.

Em certas situações abri o papel que Alexei havia me dado para me certificar. Era ali e ainda faltava alguns andares. Meu coração ficava cada vez mais apertado. Batia cada vez mais rápido.

Finalmente me encontrei à frente da porta do quarto oitocentos vinte e três e fiquei parado por algum tempo. Alguma coisa dentro de mim dizia para não levar isto adiante e outra estava ansiosa para rever Visna. Fiquei paralisado por algum tempo nessa indecisão, mas a voz que dizia “vá em frente” venceu e então apertei o interfone.

Nada. Apeitei mais uma vez e nada aconteceu. Será que eu estava no lugar certo?

Quando estava desistindo a voz interior novamente apareceu e me disse “a porta deve estar aberta”. Então rodei a maçaneta e para minha surpresa a porta se abriu. Devagarzinho fui abrindo-a, mas o silêncio era total, Visna não devia estar em casa,



mesmo assim tomei coragem e segui adiante, tomando cuidado para fechar a porta. Procurei Visna por todos os lados, mas constatei que não estava, assim tive algum tempo para observar o apartamento, que constituía de um banheiro, cozinha e quarto.

O banheiro muito simples sem nenhum luxo, mas isso não era importante pois seus objetos estavam todos devidamente arrumados. A cozinha muito pequena tinha um refrigerador, um fogão e uma estante onde estavam algumas caixas de cereais e enlatados, algumas pela metade e outras ainda fechadas. A geladeira guardava alguma cerveja, água, um pouco de carne, verduras e o resto de uma pizza que deveria ter sido comida na noite anterior. Os poucos talheres e panelas, além de alguns pratos estavam todos guardados e bem lavados. Nada mais havia na cozinha. O quarto. Bem! O quarto era na verdade uma peça só que também era sala. Possuía um jogo de sofá, um pouco desgastado pelo tempo, uma mesinha de centro onde havia algumas revistas de moda francesa e um exemplar já ultrapassado do “Le Monde”, também um vasilho com algumas flores que não consegui identifica-las, já murchas. Tinha num canto uma televisão nem muito nova e nem muito velha. A cama estava arrumada com uma coberta muito bonita e alguns – se me lembro bem – três ursinhos sobre ela. Inclusive um que eu havia lhe dado em seu último aniversário. Também me recordo de que num outro canto do quarto havia um guarda-roupas, ao abri-lo notei que realmente as roupas eram do estilo de Visna, mas não reconheci muitas delas pois não se adequavam ao estilo de vida que Visna sempre me transmitiu. Abri suas gavetas e havia muitas outras roupas íntimas, perfumes (que saudade), remetidos os quais não identifiquei para que, pois meu francês era péssimo. Quando estava fechando notei alguns papéis e uma carta lacrada pronta para ser enviada.

Então virei minha atenção à televisão, e descobri que a mesma sintonizava alguns, uns cinco ou seis, canais apenas e vários deles de forma muito ruim. Deixei-a ligada num canal de noticiário e sentei-me no sofá à espera de Visna. Como entendia pouca coisa do que os apresentadores e repórteres estavam dizendo, adormeci. Estava cansado da maratona de reuniões universitárias.

Acordei subitamente quando alguém mexia na fechadura da porta. Acredito que tenho adormecido por meia-hora. Limpei meus olhos com os dedos, refiz o cabelo e fiquei aguardando Visna adentrar o quarto.

Até hoje não consigo descrever aquele momento. Não sei se eu ou ela ficamos mais surpresos. Ela por me encontrar ali, em seu mundo, esperando ela depois de tanto tempo ou eu que a vi totalmente diferente da Visna que conhecia em Moscou.

- Você aqui! O que faz? – Perguntou-me.

- Vim para Paris a trabalho pela universidade e achei melhor vim vê-la. – Respondi prontamente.

- Seria melhor não ter vindo, Iuri. – Me respondeu com tristeza.

Realmente fiquei chocado e não imaginava que encontraria Visna naquela situação. Seus olhos cansados e profundos não traziam mais a alegria que tinha em Lemonossov. Agora de cabelos curtos tinha perdido um pouco da formosura de outrora. Suas roupas um tanto extravagantes dizia que a vida não estava sendo fácil e eu esperava não acreditar nisso.

Ela sentou-se na beira da cama e pudemos continuar nossa conversa. Ao questioná-la sobre sua situação na cidade, observei que começaram a se formar algumas lágrimas em



seus olhos e fiquei preocupado. Visna havia chegado a Paris muito contente na confiança de seu namorado, Fradov, entretanto, era apenas uma aventura dele e trazia Visna “a tira colo” sem nenhuma responsabilidade. Ela então, quando acordou deste sonho, tentou algumas vezes voltar para Moscou mas não conseguiu através de consulados. Então com o fim do pouco recurso que havia trazido para Paris, tentou, sem sucesso, arrumar um emprego, entretanto, não foi feliz. O que conseguiu, a princípio foi ser dançarina em casas noturnas da capital, mas, havia muito mais e aqueles que arrumaram o emprego para ela, tornaram-na uma consumidora de drogas, pois consegui perceber que havia diversos sinais de agulhas em seus braços. Depois quando tentou se livrar dessa vida eles simplesmente a jogaram nas ruas e Paris não é uma cidade fácil, ainda mais para russos. A solução foi, sendo muito bonita, vender seu corpo.

Quando fiquei sabendo disso quis chorar, mas me contive e meu peito me torturava, afinal Visna poderia ter tido uma vida muito diferente em Moscou, mas escolheu ir atrás de um sonho com seu namorado, que na verdade, o sonho não era seu.

Depois fiquei sabendo também que logo que chegaram em Paris, Fradov havia se metido numa discussão nas ruas e infelizmente com os “caras” errados, assim alguns dias depois desapareceu e nem mesmo Visna teve qualquer notícia. A polícia disse que não podia fazer nada, afinal eles acabavam de chegar à cidade. Pediram para procurar os órgãos russos mas também foi em vão. Visna acredita que tenha sido assassinado pelos “caras” maus, mas depois de algum tempo refletindo na universidade, de volta à Moscou, que prefiro acreditar que tenha sido uma simulação para desaparecer e trabalhar na clandestinidade francesa. Mas isto não é problema meu.

Abaixei minha cabeça e fiquei assim por algum tempo, triste e sem palavras. Gostaria de dizer muitas coisas pra Visna, mas alguma coisa não permitia que as palavras saíssem.

Visna se levantou. Foi até a cozinha, andando calmamente. Tomou um gole d’água e voltou no mesmo passo. Ficou em pé à minha frente e ergueu cuidadosamente minha cabeça, me deu um beijo demorado e tentou me seduzir dizendo.

- Venha Iuri, você veio de tão longe e não quero que volte sem ter “estado” comigo.

Percebi que não havia nada por debaixo de sua minúscula saia e por instantes senti uma felicidade enorme, podendo possuí-la, mas alguma coisa dentro de mim me fez lembrar de Svetlana em Moscou, cuidando de nossos filhos e nos ajudando a crescer. Então, meio a contra gosto, a repeli dizendo que não poderia fazer isso.

Me levantei. Dei-lhe um abraço demorado, um beijo em sua testa, deixei algum dinheiro sobre a cama. Desapareci pela porta afora. Enquanto saía consegui ouvir alguns suspiros.

Quando cheguei ao meu apartamento, retirei a carta que estava no bolso de meu paletó e vi que era para mim com o endereço da universidade. Um misto de solidão e tristeza me tomou conta. Visna desabafava os acontecimentos sobre sua vida em Paris, todos os contratempos, infelicidades, algumas alegrias e o trágico acontecimento com Fradov. Mas assim mesmo ela não tinha intenções de retornar, não conseguiria olhar novamente as pessoas de Moscou nos olhos. A carta estava escrita a quase seis meses atrás e ainda não havia sido enviada. Porquê? Arrependimento?



Voltei à Moscou no dia seguinte e durante todo o voo fiquei pensando em Visna, mas acredito que tenha tomado a decisão certa e isto me traz certa alegria e tranquilidade.

Visna havia ficado para trás e Svetlana me esperava em Sheremetyevo.

Iuri Kosvalinsky

23/01/2006

Moscow, Rússia Federation